

## **A Pedagogia do oprimido: uma proposta pedagógica atual? Ou utopia do passado? A educação como prática da liberdade.**

Ms. Maria Aparecida Macedo Pimentel<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo discute a validade, nos tempos atuais, da proposta política de alfabetização dos adultos nos Círculos de Cultura liderados por Paulo Freire na década de 1960, que proporcionou a *Pedagogia do Oprimido*, livro escrito no exílio, nos anos 1970, e a manifestação de seu entusiasmo mais de 25 anos depois, em 1992, no movimento estudantil para deposição do presidente, quando escreveu a *Pedagogia da Esperança*. E as lutas e as manifestações de seus seguidores para trabalhar o legado de Freire no Instituto Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos; Educação política; Democratização da educação; Pedagogia do oprimido; Pedagogia da esperança.

### **1. De lagarto ao casulo e de casulo à Borboleta – um legado de conscientização e mobilização**

Os vínculos do trabalho educacional de Paulo Freire com a ascensão popular são bastante claros. Seu movimento com os círculos de cultura iniciou-se em 1962, em Angicos, no Rio Grande do Norte, região muito pobre do Brasil, que detinha 15 milhões de analfabetos para uma população de 25 milhões de habitantes, portanto uma porcentagem muito alta de analfabetos.

Os resultados obtidos impressionaram a opinião pública, e o governo federal estendeu o programa para todo o país, desenvolvendo-se cursos de capacitação de coordenadores em quase todos os estados brasileiros, já em 1963. Porém, o golpe de estado de 31 de março de 1964 atingiu o movimento de educação popular – solidário à ascensão democrática das massas – temendo a conscientização, que abre caminho à expressão das insatisfações sociais, porque estas são componentes reais de uma situação de opressão.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Pedagogia da FAER.

O livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito em meados de 1968, enquanto Freire cumpria exílio no Chile, anuncia a opressão do povo brasileiro. O livro, segundo Freire, foi tomando forma, primeiro, na oralidade e, depois, graficamente:

1. Com os importantes estímulos que Freire recebeu dos amigos novos ou dos reencontrados em seu exílio;
2. O espaço político, social e educativo muito dinâmico, desafiante e propício naquela época no Chile;
3. Pelo resultado positivo de seu trabalho de coadjuvante na reestruturação educacional do Chile.

momentos singulares de minha andarilhagem pelos quatro cantos do mundo a que fui levado pela Pedagogia do oprimido... Ao falar hoje de minhas tramas vividas nos anos 70, não estou assumindo uma posição saudosista. Na verdade, o meu reencontro com a Pedagogia do oprimido não tem o tom de quem fala do que já foi, mas do que está sendo. (FREIRE, 1992, p. 23)

Os temas suscitados pela Pedagogia do oprimido permaneceram como núcleo de debates sociais e educacionais: criticados pelos da direita, aprovados pelos da esquerda, mas ainda muito atuais nestes 40 anos seguintes à 1ª edição do livro. Em momento algum deixou de representar um legado político de conscientização e mobilização, mesmo durante o governo militar, quando sua leitura se dava à surdina e em círculos fechados.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade, a 'pronunciar o mundo' e a perceber sua própria capacidade para transformá-lo. Ninguém luta contra as forças que não compreende, e a realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo, antes de tudo, provocando uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação. "É preciso, portanto, fazer dessa conscientização o primeiro objetivo de toda educação libertadora." (FREIRE, 1978, p. 40).

A visão de liberdade tem, nessa pedagogia, uma posição de destaque: é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que se efetiva na medida da participação livre e crítica do educando, rompendo com a escola autoritária e tradicionalista e estruturando um movimento de educação popular, "os círculos de cultura".

Por isso é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. Não há processo gnosiológico fora das relações grupais (FREIRE, 1978, p. 89).

[...] o oprimido, libertando-se, liberta o opressor, o não haver, como antes sublinhei, declarado que a luta de classes é o motor da história, o tratamento que eu dava ao indivíduo, sem aceitar reduzi-lo a puro reflexo das estruturas socioeconômicas, o tratamento que dava à consciência, à importância da subjetividade, o papel da conscientização que, na Pedagogia do oprimido, supera, em termos de criticidade, o a ela atribuído em Educação como prática da liberdade. (FREIRE, 1992, p. 90).

Analisando os escritos de Freire, é possível perceber que ele deixa, por muitos anos, de usar o termo conscientização. A ausência do termo não ocorre por acaso, mas de sua preocupação com o uso indiscriminado da palavra.

Tive, indiscutivelmente, razões para desusar a palavra. Nos anos setenta, com exceções, é claro, falava-se ou se escrevia de conscientização como se fosse ela uma pílula mágica a ser aplicada em doses diferentes com vistas à mudança de mundo. [...] Me pareceu, àquela época, e sobre isso conversei com Elza, que, de um lado, eu deveria de uma vez deixar de usar a palavra, de outro, procurar, em entrevistas, em seminários, em ensaios – o que fiz realmente – aclarar melhor o que pretendia com o processo conscientizador. (FREIRE, 1992, p. 114).

Porém, mesmo sem fazer uso do termo, atualiza e amplia, especialmente nas obras da década de 90, seu entendimento acerca do processo de conscientização.

A utopia de Freire ganha probabilidade de realizar-se quase trinta anos depois da Pedagogia do Oprimido, após a sua volta do exílio de 16 anos, e com o fim do regime militar. Freire externou esse entusiasmo, quando, em 1992, a sociedade brasileira apresenta um momento de “conscientização” e “democratização”: o movimento dos “caras pintadas”. Os estudantes vão às ruas e manifestam-se exigindo a saída do presidente da república brasileira, Fernando Collor de Mello, por improbidade.

Freire, num linguajar peculiar do filósofo que sempre foi, reelabora seu pensamento e com uma precisa rigorosidade teórica e metodológica escreve *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, e relata:

Os jovens e os adolescentes, também, vêm às ruas, criticam, exigem seriedade e transparência. O povo grita contra os testemunhos de desfaçatez. As praças públicas de novo se enchem. Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por incontida necessidade de vomitar em face de tamanha

desvergonha. ...por outro lado, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explica, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. (FREIRE, 1992, p. 114).

Em sua última obra publicada em vida, *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire retoma a atualidade do termo, dizendo: “Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização”. A relevância da argumentação de Freire está em seu testemunho de vivência, na possibilidade de fazer, do cidadão, em sua formação permanente, um processo educativo conscientizador, de modo a ratificar sua natureza política e sua função social. Esse continua sendo o sentido da educação para Freire, tanto na *Pedagogia do Oprimido*, década de 1960, como na *Pedagogia da Esperança*, década de 1990.

Freire faleceu no dia 05 de maio de 1997 e, como se pode observar, até o final de sua vida não se afastou de sua utopia sociopolítica. A relação entre a educação e a utopia está na base do pensamento freireano e pode ser resumida em quatro pontos:

1. Para construir o futuro é preciso primeiro sonhá-lo, imaginá-lo. Não se pode curvar à fatalidade do neoliberalismo, negador da possibilidade de mudanças.
2. A pedagogia é um guia na construção do sonho. Não basta sonhar, precisa-se conhecer os saberes necessários para realizar o sonho.
3. A pedagogia projeta primeiramente o futuro, um futuro melhor para todos nós, a utopia. Depois é que ela se dobra para o presente e o passado.
4. A pedagogia freireana é dialógico-dialética. Não mecânica. A dialética continua válida, desde que não exclua a subjetividade.

Portanto, não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político, da afirmação da incompletude do homem e de seu poder transformador.

Paulo Freire morreu em plena atividade intelectual, com um livro por terminar e muitos projetos a caminho, guardião da utopia.

## **2. A Educação como prática da liberdade**

No Brasil, há uma grande massa de pauperizados por um sistema social marcado pela desigualdade e pela opressão, impregnadas das condições históricas que lhe deram origem. Nesse sentido, o ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como modo de ser do homem, e a efetivar-se no contexto livre e crítico das relações que se estabelecem entre os educandos e entre estes e o coordenador. Esta pedagogia, em sua dimensão prática, política ou social, requer clareza de que a ideia de liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se, por indignar-se com sua condição de oprimido.

A conscientização, enquanto processo permanente de construção da criticidade, para além de sua dimensão política, implica também a dimensão epistemológica e a dimensão estética. No exercício permanente da capacidade de conhecer-se, através da criticização das relações consciência-mundo, o sujeito contribui para a transformação da realidade à medida que transforma também a si mesmo.

A educação, concebida por Freire como "um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade" (1967, p. 25), compreende os atos de ensinar e aprender, que caracterizam a natureza da prática educativa enquanto "dimensões do processo maior – o de conhecer" (1992, p.110) – prática da concepção problematizadora e libertadora da educação, a qual não prescinde da conscientização.

Freire realizou não apenas uma mudança de conteúdo e de tratamento didático dos componentes curriculares, mas uma verdadeira transformação paradigmática para a construção do conhecimento e sua universalização. Não construiu uma pedagogia para o oprimido ou sobre o oprimido, mas uma *pedagogia do oprimido*, uma concepção de proposta político-pedagógica de educação com base na perspectiva dos dominados.

O que impressionava educadores e políticos era o fato de que o método sistematizado por Paulo Freire "acelerava" o processo de alfabetização de adultos, pois não aplicava ao adulto alfabetizando o mesmo método aplicado à criança.

O diálogo, essência da educação como prática da liberdade, é a nova dimensão do ato político da educação, ao mesmo tempo em que o processo educacional é processo de conhecimento coletivo, que proporcionará a superação

da contradição entre educador e educando, numa concepção que retira o educador da condição exclusiva de único sabedor das coisas e o educando, de elemento dependente do sabedor das coisas, saindo da condição de analfabetos para a de participantes alfabetizando (FREIRE, 1997).

A educação libertadora, compreendida como "um ato de intervenção no mundo" por Freire (1967, p. 122), está ligada à possibilidade de tomar-se consciência de nossas opções: educar para a manutenção ou para a transformação dos valores dominantes, questionando-os numa perspectiva crítica de compreensão da realidade, bem como de sua possibilidade de ser transformada.

De uma maneira sintética, pode-se dizer que o método Paulo Freire compreendia três momentos dialéticos e interdisciplinarmente interligados: a investigação temática, a tematização e a problematização. A educação para a libertação deve, forçosamente, desembocar-se na práxis transformadora.

Alguns marcos do itinerário e princípios axiais e práxis da alfabetização conscientizadora foram descritos por Freire em sua obra *Educação como prática da liberdade* (1967, p. 110-114):

- a) A descoberta do universo vocabular do grupo, com o qual se há de trabalhar, efetua-se informalmente no curso e os contatos revelam ansiedade, frustração, desconfiança, e também esperança, força e participação.
- b) Seleção das palavras dentro do universo vocabular tendo como critério, o semiológico, como o da riqueza silábica, o das dificuldades fonéticas, o do conteúdo prático da palavra, ou seja, do compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política...
- c) Criação de situações existenciais típicas do grupo com a qual se trabalha; situações que despertem desafios ao grupo; palavras que proporcionem o conceito antropológico de cultura, que conduz à conscientização para a importância de alfabetizar-se.
- d) Elaboração de fichas indicadoras para ajudar os coordenadores do debate em seu trabalho.
- e) Este trabalho de elaboração consiste na confecção de fichas nas quais aparecem as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.



Fonte: Arquivo on line da biblioteca Paulo Freire - IPF

O coordenador do círculo, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa “de coordenar, jamais influir ou impor” um “dado” ou uma doação do educador ao educando para todos os participantes do círculo de cultura.

Nesta pedagogia, a palavra sempre será vista como um tema de debate, desde a seleção das “palavras geradoras”, estas básicas em termos de frequência, de relevância como significação vividas, palavras comuns na linguagem do povo e carregadas de experiências, até a discussão em que o alfabetismo irá tomando posse de seu idioma, descoberta pelo alfabetizando das sílabas, das letras e das dificuldades das palavras, e de novas palavras, aqui com significação particular ao grupo, porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome, à sua opressão.

O que se impõe é uma investigação dialética, que implica uma fundamentação metodológica para a alfabetização, ao se investigarem “palavras geradoras”, e para a pós-alfabetização, na exigência da investigação do “tema gerador”. Essa reflexão como abertura à historicidade ilumina a urgência da alfabetização e da conscientização das massas.

### **3. Conscientização – Pedagogia Libertadora**

Paulo Freire conseguia, ao mesmo tempo, amar, indignar-se e comprometer-se com a luta pela mudança. Em uma reunião com educadores e amigos, em 12 de abril de 1991, declarou seu desejo de reunir pessoas e instituições do mundo inteiro que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade, lançando a ideia da criação do IPF naquele mesmo ano. Assim surgiu e se mantém pela mão dos cinco destacados educadores-coordenadores: Carlos Alberto Torres, Carlos Rodrigues Brandão, José Estácio Romão, Moacir Gadotti e Walter Esteves Garcia, o Instituto Paulo Freire – IPF, reconhecido mundialmente.

O termo “conscientização” foi construído por Álvaro V. Pinto e Guerreiro, contudo é um dos eixos fundantes da Pedagogia Freireana, na concepção de educação libertadora. Hoje, após 18 anos de funcionamento, a equipe do IPF busca manter viva a ideologia e a luta pela educação libertadora, conscientizadora, busca aprofundar o conhecimento da teoria e da prática de sua obra e de seu legado e, nas palavras de Gadotti (2001):

Paulo Freire já não está entre nós, ou melhor, está em todos nós da rede que teceu... o pensamento, a práxis, enfim o legado de Paulo Freire, não pertence a uma pessoa ou a uma instituição. Pertence a quem precisa dele, e ele tinha consciência de que o que havia escrito pertencia àqueles por quem lutava: os oprimidos.

Em 2001, no *Fórum Social Mundial*, realizado em Porto Alegre, muitos educadores, reunidos em “Círculos de Cultura” referiram-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Na ocasião, os educadores lançaram um “Manifesto” que assim se inicia:

No século que se findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós, e o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado, outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este novo mundo seja possível é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como condição. Esta educação tem como pressuposto o princípio de que ninguém

ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo. (GADOTTI, 2001, p. 18).

A esperança, além de representar a utopia e o sonho relacionados à dimensão política, ao exigir o conhecimento crítico, faz-se epistemológica, e, enquanto geradora de um dinamismo transformador, contém em si também a dimensão estética. Assim sendo, podemos dizer que a curiosidade epistemológica é também estética, por ser esta o impulso que nos move na busca do novo e é, fundamentalmente, política por orientar-se na direção de nossas opções.

A compreensão da complexidade desse processo é fundamental para a constituição de práticas educativas fundadas na concepção de educação libertadora, uma vez que, nesta perspectiva,

[...] a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, do ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo. (FREIRE, 1986, p. 146).

Esse é o entendimento que orienta Freire na década de 1990, ao tematizar a práxis educativa libertadora com base nestas três dimensões indissociáveis, que integram a conscientização enquanto um processo de (trans)formação permanente: a dimensão política, a dimensão epistemológica e a dimensão estética.

É nesse sentido que se destaca a reflexão de Freire em torno dos saberes necessários à prática educativa, os quais, de modo organicamente articulados, contribuem no processo de conscientização em que se constituem práticas pedagógicas decorrentes da perspectiva de globalidade ético-democrática. Na luta pela consolidação da ética universal do ser humano e na perspectiva de sua humanização, destaco a importância e a necessidade do desenvolvimento da esperança como desafio à dimensão política, da curiosidade como desafio à dimensão epistemológica e da alegria como desafio à dimensão estética, considerando-os como aspectos complementares que integram o desafio à contemporaneidade da práxis educativa libertadora.

#### **4. Palavras Finais**

Creio que o reconhecimento da importância da Pedagogia dialógica e da obra freireana no campo da educação popular se dará quando a escola brasileira deixar de ser confinada no seu limite físico, fechada em si mesma, para reconhecer a educação formal e informal ao mesmo tempo, e ao longo da vida.

O legado de Paulo Freire não pode ser considerado uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro, podendo servir de base para elaborarmos (no coletivo) as propostas alternativas ao neoliberalismo, proposituras de um novo projeto de sociedade, baseado no amor e na solidariedade, e não só na competitividade selvagem do ideário neoliberal.

Freire valorizava a curiosidade como uma necessidade ontológica do ser humano, característica fundamental de sua busca permanente por saberes que lhe possibilitem a criação e recriação de sua própria existência. Defendia uma educação que se comprometa em promover essa passagem da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, de modo a estimular o aventurar-se e arriscar-se no exercício fundamental da consciência crítica no entendimento do mundo. Para ele, essa curiosidade, ao ultrapassar "os limites que lhe são peculiares do domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento". (FREIRE, 1997 p.61).

Tal importância atribuída à curiosidade no processo de construção do conhecimento se expressa claramente em seu diálogo com Carlos Alberto Torres, por ocasião da despedida do trabalho na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em:

Carlos Torres:

"[...] Qual é a herança de Paulo Freire para nós, educadores latino-americanos e de outras partes do mundo?"

Paulo Freire:

"[...] Qual a herança que posso deixar? Exatamente uma. Penso que poderá ser dito quando já não esteja no mundo: Paulo Freire foi um homem que amou. Ele não podia compreender a vida e a existência humana sem amor e sem a busca do conhecimento. Paulo Freire viveu, amou e tentou saber, por isso mesmo, foi um ser constantemente curioso. É isto o que espero que seja a expressão de minha passagem pelo mundo, mesmo quando tudo o que tenha dito e escrito sobre educação possa haver mergulhado no silêncio."

Contudo, seus escritos continuam vivos, criam-se núcleos de estudos, cátedras, organizações tanto no Brasil como no exterior, há muitos freireanos

espalhados pelo mundo, cada um com seu jeito peculiar, dando sua contribuição, comungando sua UTOPIA.

**ABSTRACT:** The article argues the validity in the current times of the proposal politics of culture of the adults in the Circles of Culture led by Paulo Freire in the decade of 1960, and that it gave provided the *A Pedagogy of the Oppressed*, book written in the exile, in years 1970, and the manifestation of its enthusiasm more than 25 years later, in 1992 in the student movement for deposition of the president, when it wrote the *Pedagogy of the Hope*. The fights and the manifestations of its followers to work the legacy of Freire in the Institute Paulo Freire.

**Keywords:** Young education of adult; Education politics; Democratization of the education; Pedagogy of the unprimed; Pedagogy of the hope.

### Referências Bibliográficas

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

\_\_\_\_\_. *Conscientização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

\_\_\_\_\_. *Medo e Ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. *Um legado de esperança*. São Paulo: Cortez, 2001.